

QUANDO VOCÊ DISSE QUE A LEITURA É AMBÍGUA? – A INTERPRETAÇÃO DO Q ADJUNTO MOVIDO/IN SITU EM SENTENÇAS INTERROGATIVAS COMPLEXAS

Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado¹

RESUMO: O presente trabalho analisa o comportamento de um conjunto de falantes nativos do Português Brasileiro (PB) em relação à leitura de sentenças interrogativas complexas que apresentam movimento de Q adjunto. Esse movimento pode ser interpretado como sendo curto, em que o escopo do adjunto é sobre a sentença matriz, ou longo, em que o escopo recai sobre a *encaixada*, o que gera ambiguidade na interpretação das interrogativas. Procuramos

ABSTRACT: This work analyzes how a group of native speakers of Brazilian Portuguese (BP) interpret complex interrogative sentences that present adjunct *wh*-movement. It is possible to interpret this movement as being short, when the adjunct is moved from the matrix, or long, when it is moved from the embedded clause. Such a behavior leads to ambiguity, since the adjunct may have scope over one clause or the other. Therefore, we observe which is the speakers' preferred reading, matrix or

¹ Doutoranda em Letras Vernáculas (Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ)

Procuramos verificar, desse modo, qual a leitura preferencial feita pelos falantes, leitura encaixada ou matriz, e se, diante de uma leitura obrigatoriamente encaixada, há preferência pelas interrogativas com movimento-Q, ambíguas, ou com Q-*in situ*, não ambíguas, uma vez que o PB apresenta movimento-Q que é opcional. A análise que conduzimos considera um adjunto específico, o adjunto de tempo *quando*, e é feita a partir de resultados obtidos por meio de um experimento linguístico com 12 participantes voluntários. Os resultados mostram que há, com as interrogativas com movimento, de certa forma, preferência pela leitura encaixada e que, com uma leitura encaixada obrigatória, há clara preferência pela interrogativa com Q-*in situ*.

PALAVRAS-CHAVE: Q-movido; Q-*in situ*; sentenças interrogativas complexas; experimento.

embedded, in contexts presenting a moved *wh*, and if, when they face an embedded reading, they prefer the interrogatives with or without *wh*-movement. That analysis is valid since BP has optional *wh*-movement and complex interrogatives without movement are not ambiguous, different from the ones with movement. The analysis we carry considers an adjunct in particular, *quando*, and is based in a linguistic experiment applied to 12 volunteers. The results show that there is, in a certain way, a preference for the embedded reading when the adjunct is moved, and that, when an embedded reading is forced, there is a clear preference for *wh-in situ*.

KEYWORDS: moved-*wh*; *wh-in situ*; complex interrogatives sentences; experiment.

INTRODUÇÃO

As línguas naturais têm comportamento distinto no que diz respeito ao movimento-Q, sendo obrigatório, em algumas delas, ou rejeitado, em outras. O Português Brasileiro (PB), junto de outras línguas românicas, parece apresentar movimento-Q opcional, com coexistência de Q-movido ou Q-*in situ*, um comportamento problemático se pensarmos que, dentro de uma teoria como a gerativa, não há espaço para opcionalidade e que operações de movimento são custosas e só devem ocorrer como último recurso (*cf.* SANTOS, MAIA, 2017). Além disso, o movimento-Q pode levar, no caso de sentenças complexas, à ambiguidade, uma vez que a palavra-Q tem a possibilidade de ser interpretada como ligada à oração encaixada ou à matriz, o que não acontece com o Q-*in situ*. É o que pode acontecer com o movimento de adjuntos como *onde* e *quando*.

Considerando essa especificidade do PB, propomos, neste *squib*, investigar a interpretação preferencial de falantes dessa língua, se leitura matriz ou encaixada, para sentenças complexas com adjunto Q-movido. Além disso, também investigamos, no caso da leitura encaixada, qual a preferência deles, a sentença com Q-movido ou com Q-*in situ*. Nossa análise é feita a partir de um experimento piloto que envolveu 12 participantes e considera especificamente o adjunto *quando*. Nossas previsões são que, diante de construções ambíguas, com movimento de Q, longo ou curto, os participantes terão preferência pela leitura encaixada em detrimento da leitura matriz. Já diante de resposta sobre a sentenças encaixada, acreditamos que estes escolherão as sentenças com Q-*in situ*, sem ambiguidade, no lugar das com Q-movido.

Para dar conta de nossos objetivos e testar nossas hipóteses, organizamos o texto em quatro seções. Na primeira, discutimos, brevemente, o movimento-Q e o movimento de adjuntos, mostrando as possíveis interpretações para o adjunto movido em sentenças complexas e a diferença no comportamento de adjuntos de duas naturezas. Na seção seguinte, explicamos como o experimento foi conduzido e no que consistia, além de apresentarmos nossas hipóteses. Em seguida, discutimos e analisamos os resultados obtidos pela aplicação do experimento e, posteriormente, apresentamos nossas considerações finais.

1. A QUESTÃO DO MOVIMENTO-Q E DO MOVIMENTO DE ADJUNTOS

Como já mencionamos, as línguas têm comportamentos diferentes em relação ao movimento-Q. Em algumas, como o inglês, esse movimento nas sentenças interrogativas é obrigatório para a boa formação das sentenças². A permanência da palavra-Q em sua posição de base, *in situ*, leva à agramaticalidade. Já em outras, como o chinês, como atesta Huang (1982), ocorre o contrário, a palavra-Q deve permanecer *in situ* e não pode haver movimento, como vemos abaixo, com o contraste entre as duas línguas:

- (1) a. Who did you see? (“Quem você viu?”)
b. * Did you see who?
- (2) a. * Sheii ni kanjian-lei ?
who you see-asp
b. Ni kanjian-le shei? (“Quem você viu?”)
you see-asp who

Há ainda línguas, como as românicas, incluindo o PB, que parecem apresentar movimento-Q opcional, com a coexistência de Q-movido e Q-*in situ*³ (KATO, 2003; FIGUEIREDO SILVA, GROLLA, 2016), como vemos a seguir:

- (3) a. **Quem** você viu?
b. Você viu **quem**?

A ideia de opcionalidade constitui um problema teórico para abordagens gerativas, em que operações de movimento são consideradas custosas e, por conta disso, só devem ocorrer como último recurso, para a checagem de traços (CHOMSKY, 1995). Uma outra questão relevante além da suposta opcionalidade é que o movimento-Q pode levar, no caso de sentenças complexas, à ambiguidade estrutural, já que a palavra-Q pode ser interpretada como ligada à oração encaixada ou à matriz. Tal ambiguidade se dá pela possibilidade de movimento longo ou de movimento curto, o que pode acontecer com o movimento de adjuntos como *onde* e *quando*.

Nas situações em que há movimento-Q, a palavra-Q é gerada na posição temática em que é exigida, se for um argumento, ou na posição de adjunção

² Há, na realidade, contextos específicos em que se pode haver Q-*in situ*, como é o caso das perguntas-eco (*Did you see WHO?*). Esse não é, no entanto, o comportamento padrão dessa língua.

³ Ver também Oushiro (2012) sobre as motivações discurso-pragmáticas, sintáticas e prosódicas para a permanência do Q-*in situ* ou para seu movimento.

relevante, e é então movida para uma posição na periferia esquerda da sentença. Desse modo, ainda que a expressão-Q se mova, ela é interpretada na sua posição original; essa é a situação em sentenças interrogativas simples. No entanto, no caso das orações complexas, isto é, que envolvem uma oração matriz e uma subordinada, quando há movimento do elemento-Q adjunto, há ainda uma outra possibilidade de leitura. Nesses casos, é possível fazer, além da leitura encaixada, também uma leitura matriz. Vejamos um exemplo abaixo:

- (4) a. **Quando**_i você disse que ela morreu t_i?
b. **Quando**_i você disse t_i que ela morreu?

Em (4a), *quando* é interpretado como sendo movido, de forma longa, para a periferia esquerda de dentro da oração encaixada, estando ligado então a ela. Considerando essa leitura, uma resposta possível para essa pergunta seria, por exemplo, “Ela morreu em abril”. Já em (4b), *quando* é interpretado como sendo movido para a periferia esquerda a partir da oração matriz, em um movimento curto. Assim, essa pergunta poderia ter como resposta uma sentença como “Eu disse na quarta passada”.

O *quando*, com leitura encaixada, também pode permanecer in situ, na posição em que é gerado, o que não geraria ambiguidade. Isso aconteceria porque o adjunto seria interpretado, e mantido, em sua posição de base, uma vez que não ocorre movimento, ou pelo menos não um movimento visível. Portanto, uma oração como “Você disse que ela morreu quando?” teria uma resposta do tipo “Ela morreu em abril”, assim como (4a).

A possibilidade das duas leituras, como mostrado em (4), parece ser mais característica de adjuntos de natureza específica, tal como *quando* e *onde*. De acordo com Aoun *et al.* (1987), esses seriam considerados adjuntos referenciais, como aponta a existência de pronomes do tipo *aqui*, *lá*, *agora* e *depois*, que podem ser usados de forma correferencial. Já adjuntos como *como* e *por que*, seriam não referenciais e teriam menos liberdade em relação ao movimento.

A diferença de comportamento entre esses adjuntos é atestada por Augusto (1998), que verificou a preferência de falantes brasileiros em relação à interpretação de ambos os grupos, assim como a possibilidade de leitura encaixada ou matriz, por meio de experimento linguístico. Ao analisar contextos de ilha factiva⁴, da qual seria possível extrair argumentos, mas não

⁴ Ilhas factivas são aquelas que apresentam verbos que desencadeiam pressuposição de verdade, como *saber* e *descobrir*, controlados por Augusto (1998).

adjuntos, por se tratar de uma ilha fraca, a autora percebe que adjuntos referenciais autorizam a leitura encaixada, além da matriz. Isso não é observado com os adjuntos não referenciais, cuja leitura encaixada foi barrada pelos falantes. A autora também controlou contextos que não apresentavam ilha factiva, como os que mostramos em (4), com os quatro adjuntos mencionados. Vejamos duas das sentenças teste propostas por ela, uma com extração de ilha factiva e outra sem ilha factiva:

(5) Onde/quando/como/ por que você descobriu que o Pedro comprou o presente?

(6) Onde/quando/como/ por que você disse que o Pedro comprou o presente?

A pesquisadora busca então analisar a preferência dos falantes em relação às duas possibilidades de leitura. Para isso, foi solicitada uma resposta a essas perguntas e foi analisado se a resposta imediata e a reanálise, primeira e segundas respostas, respectivamente, levavam em conta a leitura subordinada ou matriz. Com o *onde* e o *quando*, as perguntas com o verbo *dizer* obtiveram as primeiras respostas ligadas à encaixada em 100% dos casos, se consideramos o *quando*, e em por volta de 90%, considerando o *onde*. Ainda com o mesmo verbo, há 100% das primeiras e segundas respostas ligadas à leitura encaixada tanto com *como* quanto com *por que*. Já nos contextos com o verbo *descobrir*, com a ilha factiva, houve 60% e 20% de primeiras e segundas respostas para a interpretação encaixada, no caso de *onde* e *quando*, respectivamente, e 0% para essa mesma interpretação no caso de *como* e *quando*, isto é, as primeiras respostas consideravam apenas a interpretação matriz.

Tais resultados mostram que de fato há uma diferença nas interpretações não só possíveis, mas preferenciais dos adjuntos movidos, que não se comportam de forma uniforme.

2. O EXPERIMENTO PILOTO

A partir dessa discussão, propomos então analisar como falantes do PB se comportam em relação a um adjunto específico, o referencial *quando*, quando movido e também *in situ*, buscando identificar a forma com que este é interpretado. Para isso, elaboramos um experimento piloto que foi organizado em duas fases.

Na primeira, pretendíamos verificar a interpretação preferencial desses falantes em sentenças com leituras ambíguas, com o Q-movido, se leitura encaixada ou matriz. É importante destacar que, conforme apontado por Augusto (1998), essa ambiguidade é mais notável na escrita, a modalidade considerada no teste. Isso acontece porque, na fala, há diferença na entonação usada ao considerar o escopo do adjunto-Q movido: quando tem escopo sobre a encaixada, há privilégio de entonação ascendente e, quando tem escopo sobre a matriz, de entonação descendente.

Na segunda fase, buscamos verificar se, a partir de uma resposta ligada, obrigatoriamente, à sentença encaixada, o falante teria preferência pela interrogativa com Q-movido ou pela interrogativa com Q-*in situ*.

Optamos por usar, nas sentenças matrizes, apenas dois verbos, *dizer* e *falar*, e, nas encaixadas, *viajar*, *casar*, *se mudar* e *se formar*. Aqui, a escolha dos verbos não é aleatória. No caso dos verbos da matriz, eles foram escolhidos pois são verbos que não desencadeiam pressuposição de verdade, como aqueles utilizados por Augusto (1998), verbos parentéticos. Além disso, todos os verbos foram mantidos no passado, no pretérito perfeito simples, para manter a uniformidade temporal e evitar que possíveis diferenças nos tempos verbais pudessem influenciar na escolha dos participantes.

O teste foi aplicado a partir de um *Google Forms* e continha 24 perguntas, sendo 4 perguntas de interesse e 8 perguntas distratoras para cada uma das duas fases, assim totalizando 12 perguntas por fase. As distratoras, que envolviam interpretação de anáfora, foram inseridas para evitar que os participantes tomassem consciência sobre o que estava sendo analisado e, por conta disso, respondessem as perguntas de interesse de forma condicionada, o que poderia enviesar os resultados obtidos.

Destacamos também que, a partir de um termo de consentimento oferecido antes do teste em si, os participantes foram informados sobre sua participação voluntária na pesquisa, que poderia ser interrompida a qualquer momento se desejassem. Ao final do teste, também foram coletados os metadados dos participantes (sexo, faixa etária e escolaridade).

Na primeira fase do teste, oferecemos as perguntas para os participantes e solicitamos que escolhessem, dentre as duas respostas oferecidas, aquela de sua preferência, uma em que o adjunto movido tinha escopo sobre a sentença encaixada e a outra sobre a sentença matriz. Cada pergunta foi oferecida juntamente com as respostas, em uma mesma tela. As perguntas, e respostas, estão exibidas a seguir:

(7) P:Quando você disse que o Pedro viajou

- R1: Eu disse ontem R2: Ele viajou ontem
- (8) P: Quando você falou que a Maria se formou?
R1: Eu falei sábado R2: Ela se formou no sábado
- (9) P: Quando você disse que a Beatriz casou?/?
R1: Eu disse na quarta R2: Ela casou na quarta
- (10) P: Quando você falou que o João se mudou?
R1: Eu falei no domingo R2: Ele se mudou no domingo

Na segunda fase, partimos da resposta desejada, a em que o *quando* estava ligado à sentença encaixada, e solicitamos que os participantes escolhessem a sua pergunta de preferência entre as duas disponíveis, a com Q-movido, ambígua entre interpretação encaixada e matriz, e a com Q-*in situ*, em que não há ambiguidade e o adjunto é interpretado apenas como ligado à encaixada. Oferecemos, na mesma tela, a resposta e as duas perguntas relacionadas a ela. Aqui, mantivemos as respostas encaixadas da primeira fase do teste e também as perguntas com Q-movido, além das suas versões com Q-*in situ*, como vemos a seguir:

- (11) R:Ele viajou ontem
P1: Você disse que o Pedro viajou quando? P2: Quando você disse que o Pedro viajou?
- (12) R: Ela se formou no sábado
P1: Você falou que a Maria se formou quando? P2: Quando você falou que a Maria se formou?
- (13) R: Ele se mudou no domingo
P1: Você falou que o João se mudou quando? P2: Quando você falou que o João se mudou?
- (14) R: Ela casou na quarta
P1: Você disse que a Beatriz casou quando? P2: Quando você disse que a Beatriz casou?

Acreditamos, que, em relação à primeira fase, a preferência dos participantes será, nas sentenças complexas com o *quando* movido, por respostas relacionadas com a leitura encaixada, com movimento-Q longo. Já em relação à segunda fase, acreditamos que, com indução à resposta encaixada, contrapondo diretamente a sentença com movimento-Q e a sentença com Q-*in situ*, os participantes tenham preferência por essa última, já que ela não apresenta, de forma alguma, ambiguidade.

3. OS RESULTADOS

O teste foi respondido por 12 participantes com ensino superior completo, de áreas variadas, com idades entre 15 e 35 anos. Desses participantes, nove são do sexo feminino e três são do masculino. Vejamos, a seguir, os resultados obtidos com o experimento, considerando suas duas fases. Iniciamos a análise da primeira fase com as perguntas com Q-movido com o verbo *dizer*:

Eu disse ontem	50%
Ele viajou ontem	50%

Quadro 1: Resposta preferencial para “Quando você disse que o Pedro viajou?”

Eu disse na quarta	25%
Ela casou na quarta	75%

Quadro 2: Resposta preferencial para “Quando você disse que a Beatriz casou?”

Em relação à pergunta “Quando você disse que o Pedro viajou?”, não há diferença significativa entre a preferência pela resposta com o adjunto ligado à encaixada ou à matriz, uma vez que metade dos participantes optaram por uma leitura e metade pela outra. Já na pergunta “Quando você disse que a Beatriz casou?”, 75% dos participantes preferem a resposta com adjunto vinculado à oração encaixada, enquanto apenas 25% preferem a resposta com este vinculado à matriz.

Vejamos agora os resultados envolvem Q-movido com o verbo *falar*:

Eu falei no sábado	50%
Ela se formou no sábado	50%

Quadro 3: Resposta preferencial para “Quando você falou que a Maria se formou?”

Eu falei no domingo	42%
Ele se mudou no domingo	58%

Quadro 4: Resposta preferencial para “Quando você falou que o João se mudou?”

Com o verbo *falar* na matriz e com *se formar* na encaixada, assim como aconteceu com *dizer* e *viajar*, não houve preferência para leitura do Q-movido na matriz ou na encaixada, uma vez que ambas foram escolhidas na mesma frequência pelos participantes. Já com o verbo o verbo *se mudar* na subordinada, não parece haver uma preferência categórica pela leitura

encaixada do *quando*, escolhida por 58% dos participantes. Por conta da diferença pequena entre as frequências, apontamos que seria interessante, em um estudo futuro, ampliarmos o número de itens experimentais.

Esses primeiros resultados mostram que de fato são possíveis as leituras matriz e encaixada. Nossa previsão de que haveria preferência pela leitura encaixada não se concretizou, já que em dois dos quatro casos as duas leituras disponíveis são escolhidas na mesma frequência. Ao mesmo tempo, os resultados mostram que há uma tendência à leitura encaixada em duas das sentenças controladas: “Quando você falou que a Beatriz casou?” e “Quando você falou que o João se mudou?”, ainda que essa preferência seja menos significativa na última.

Aqui, vale uma reflexão sobre os resultados com *falar*. Nessas sentenças, como já vimos, há uma preferência menor, ou não há preferência, pela leitura encaixada, algo que não esperávamos. No entanto, as duas sentenças controladas, além de envolverem o mesmo verbo na matriz, também envolvem verbos da mesma natureza na encaixada, verbos pronominais. Dessa forma, não sabemos, em um primeiro momento, se há um comportamento que seja específico para algum desses verbos, algo que merece ser analisado futuramente.

Vamos ver, a seguir, os resultados encontrados na segunda fase do teste, que induzia os participantes à resposta relacionada à oração encaixada e solicitava a escolha entre sentença com Q-movido ou Q-*in situ*. Organizamos os resultados, mais uma vez, a partir do verbo na oração matriz, iniciando por *dizer*.

Quando você disse que o Pedro viajou?	33%
Você disse que o Pedro viajou quando?	67%

Quando você disse que a Beatriz casou?	8%
Você disse que a Beatriz casou quando?	92%

Quadro 5: Pergunta preferencial para “Ele viajou ontem”

Quadro 6: Pergunta preferencial para “Ela casou na quarta”

Como podemos ver nas tabelas acima, há, como esperávamos, uma clara preferência, quando uma leitura encaixada é forçada, pela pergunta com *quando in situ*. No caso da resposta “Ele viajou ontem”, 67% dos participantes preferem a pergunta “Você disse que o Pedro viajou quando?” à “Quando você disse que o Pedro viajou?”. Já para a resposta “Ela casou na quarta”, a preferência pela sentença com o adjunto *in situ* é ainda maior: 92% dos

participantes optaram pela pergunta “Você disse que a Beatriz casou quando?”.

Vejam os resultados encontrados com o verbo matriz falar.

Quando você falou que a Maria se formou?	25%
Você falou que a Maria se formou quando?	75%

Quando você falou que o João se mudou?	17%
Você falou que o João se mudou quando?	83%

Quadro 7: Pergunta preferencial para “Ela se formou no sábado”

Quadro 8: Pergunta preferencial para “Ele se mudou no domingo”

Podemos observar, pela tabela, que, assim como ocorreu com as perguntas com *dizer*, a preferência da maior parte dos falantes pelas perguntas com *quando in situ* diante de resposta ligada à oração encaixada. No caso da resposta “Ela se formou no sábado”, 75% dos participantes optaram pela pergunta “Você falou que a Maria se formou quando?”, não ambígua. Para “Ele se mudou no domingo”, a escolha pela pergunta em que não há movimento-Q é ainda maior: 83% dos participantes optaram por ela. Dessa forma, mesmo que os falantes tenham ficado divididos, na primeira fase, entre a leitura matriz e a encaixada diante das perguntas com movimento do *quando*, a pergunta em que não ocorre movimento agora é privilegiada.

Tais resultados permitem observar que, mesmo que as construções com Q-movido tenham duas possíveis interpretações, o que vimos na primeira fase do teste, há uma preferência pela construção com o adjunto em sua posição de base, não movido. Assim, podemos perceber que os falantes são sensíveis à ambiguidade presente em tais sentenças, e, diante da escolha entre a pergunta com Q-movido ou Q-*in situ*, com uma leitura encaixada forçada, há preferência pela que não apresenta ambiguidade, a última.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos como falantes do PB, uma língua que parece permitir movimento-Q opcional, interpretam o adjunto-Q *quando* em sentenças interrogativas complexas que apresentam movimento. Buscamos verificar se haveria nesses contextos, que são ambíguos entre uma leitura matriz ou encaixada, preferência dos falantes por uma delas, a leitura encaixada. Também buscamos descobrir se, a partir de uma leitura encaixada forçada, os falantes teriam preferência pela interrogativa com movimento-Q, ambígua, ou pela com Q-*in situ*, não ambígua.

Para isso, conduzimos um experimento piloto aplicado a 12 participantes voluntários, que deveriam escolher suas leituras de preferência, matriz ou encaixada através de perguntas oferecidas por nós. A partir de suas respostas, pudemos perceber que não há uma preferência categórica entre uma leitura ou outra em três dos quatro contextos analisados. No entanto, quando forçamos uma leitura encaixada, por meio de respostas a possíveis perguntas, verificamos que há uma clara preferência pela interrogativa com *Q-in situ* em relação à *Q-movido*, uma vez que as primeiras não apresentam ambiguidade e o adjunto só pode ser vinculado à oração encaixada.

Por fim, destacamos que esses são os resultados de um estudo piloto, que precisa ser expandido e também aprofundado para que tenhamos conclusões mais robustas. Assim há, ainda, muito espaço para análises futuras que precisarão dar conta de questões aqui não abordadas, como as relacionadas ao resultado obtido para o verbo *falar*.

REFERÊNCIAS

AOUN, Joseph et al. *Two types of locality*. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 4: 537-577, 1987.

AUGUSTO, Marina Rosa A. A interação dos traços referencialidade e factividade no processamento de estruturas com adjuntos adverbiais.

DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada, v. 14, n. 2: 271-293, 1998.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. MIT Press: Cambridge, 1995.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; GROLLA, Elaine. *Some syntactic and pragmatic aspects of WH-in-situ in Brazilian Portuguese*. In: KATO, Mary A.; ORDÓÑEZ, Francisco (eds.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 259-285.

HUANG, Cheng-The J. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. 1982. 599 p. Tese (Doutorado em Filosofia), Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Cambridge, 1982.

KATO, Mary A. *Deriving “wh-in situ” through movement in Brazilian Portuguese*. In: CAMACHO-TABOADA, Victoria et al. (eds.). *Information structure and*

agreement. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 175-192.

OUSHIRO, Livia. Análise sociolinguística da posição variável do constituinte interrogativo. **Revista da ABRALIN**, v.11, n.2: 43-87, 2012.

SANTOS, Sabrina L.; MAIA, Marcus. Voz média, incoativos e causativos: um estudo de sintaxe experimental. **SOLETRAS**, n. 33:137-165, 2017.